

**MICHEL PASTOUREAU**  
**NOIR. HISTOIRE D'UNE**  
**COULEUR**  
**ÉDITIONS DU SEUIL, 2008**

MARIA ADELAIDE MIRANDA

RITA CARVALHO

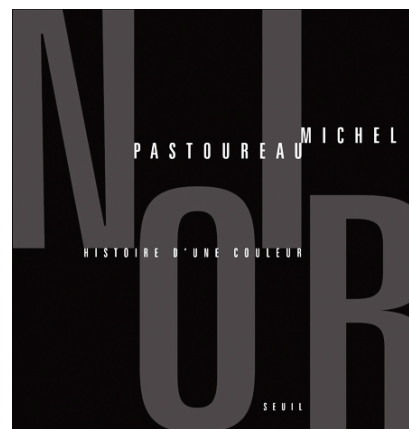
Instituto de Estudos Medievais e Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Portugal)

«Noir. Histoire d'une couleur» (2008) marca um etapa importante nas publicações mais recentes sobre a cor. No seguimento de «Bleu. Histoire d'une couleur» (2002), obra decisiva para a introdução desta temática na História e da História da Arte, Michel Pastoureau brinda-nos com mais um volume em que a cor é apresentada do ponto de vista do historiador, mas cujo impacto recai sobre variadíssimos ramos de conhecimento.

Muito embora se trate de um estudo monográfico sobre o preto, o autor mantém-se fiel aos princípios enunciados nas suas obras pioneiras, das quais não podemos deixar de citar «Couleurs, images, symboles» (1989), alertando-nos para a necessidade de o estudar num contexto social, cronológico e simbólico, não esquecendo a sua dimensão científica, material e técnica. Confessa-nos igualmente que esta obra se insere num desejo mais vasto de construir uma história das cores nas sociedades europeias, da Antiguidade romana até ao séc. XVIII. Com efeito, longe de estudar o preto isoladamente, o autor aborda-o enquanto parte integrante de um sistema de cores. A este respeito, afirma (2008, p. 12): «Une couleur ne vient pas seule; elle ne prend son sens, elle ne fonctionne pleinement du point de vue social, artistique et symbolique que pour autant qu'elle est associée ou opposée à une ou plusieurs couleurs.» Pastoureau chama a atenção para a importância da consciência das dificuldades inerentes ao estudo da cor, nomeadamente as alterações que esta sofre através dos tempos e a especificidades dos meios através dos quais se transmite. Descodificar o documento, ponderar a procura de significados, não caindo na armadilha de aceitar passivamente a forma de nomear as cores, será um trabalho árduo mas profícuo para o historiador.

Neste sentido, Pastoureau (2008, p.15) dá-nos um exemplo bem claro:

«Croire, par exemple, qu'une porte noir prenant place dans une miniature du XIII<sup>e</sup> siècle ou dans un tableau du XVII<sup>e</sup> représente une porte véritable qui a réellement été noir, est à la fois naïf et anachronique. C'est une erreur de méthode. Dans toute



ISBN 9782020490870 – 39 €

*image, une porte noire est d'abord noir parce qu'elle s'oppose à une autre porte, ou à une fenêtre, voire à une autre objet, qui est blanc, rouge ou d'un autre noir.»*

Dotada de grande clareza, esta obra evidencia uma notável erudição, expressa na riqueza das notas e vasta bibliografia. Revela um profundo conhecimento histórico, particularmente da história social do vestuário e da pintura, que são sem dúvida os grandes eixos nos quais o preto toma lugar na ordem das cores.

O carácter transdisciplinar deste estudo está patente na relação que estabelece com grande agilidade, por exemplo, no período medieval, entre o bestiário, a heráldica e o preto. Também relevante é a ligação que vai tecendo, ao longo do texto, entre a construção material do preto e a sua carga simbólica e social.

No caso do vestuário, as dificuldades na obtenção de um preto brilhante, homogêneo e duradouro deviam-se aos materiais a partir dos quais era produzido – cortiça, raízes de árvores ou partes de plantas ricas em taninos que, mordentadas com o ião ferro<sup>1</sup>, produziam tons acastanhados ou acinzentados, ou seja, um «mau preto». Seria preciso que letrados, burgueses e príncipes adoptassem o preto como cor do vestuário para que se divulgasse o preto obtido à base de noz de galha, produto dispendioso, já que o de melhor qualidade era importado da Europa Oriental ou do Norte de África.

No entanto, o «mau preto» também podia ser apanágio de virtude e austeridade, caso do hábito dos monges cluniacenses e mendicantes.

No que respeita à estrutura da obra, o autor optou por uma organização cronológico-temática (ditada pelo próprio percurso do negro no mundo ocidental), desenvolvendo de forma coerente e estimulante aquilo a que se propunha, em quatro períodos. Mergulhamos na perspectiva histórica de longa duração, concepção sempre presente nas suas obras. Na Antiguidade e até ao ano mil, o preto assumia-se como uma cor positiva porque ligada a terra fértil. Inseria-se num sistema triádico em combinação como o branco e o vermelho. Contudo, a sensibilidade judaico-cristã aliou, desde cedo, o negro às trevas (a luz é condição para a vida), à morte e progressivamente ao inferno. É esta caracterização do negro que marcará o período seguinte.

Com efeito, a cristianização do mundo ocidental e a oposição ao paganismo e ao mundo islâmico, leva a que o negro adquira todas as conotações maléficas. Aplica-se ao demónio, e a todas as formas animais que lhe estão associadas.

Esta atitude face ao preto não é uniforme. Devemos ter em conta, por exemplo, que o hábito negro dos cluniacenses em oposição ao hábito branco dos cistercienses, antecipa em muito o carácter moral do preto associado à pobreza e austeridade que irá dominar o vestuário laico e religioso protestante.

É através da heráldica e dos seus códigos que Michel Pastoureau nos apresenta uma nova ordem das cores, em que o preto se desvincula do seu sentido negativo, fazendo-se representar no leão das armas do conde da Flandres e na águia do imperador do Sacro-império.

Para a mudança de atitude face ao negro, contribuem ainda, por um lado, o clima austero decorrente da Peste Negra, e por outro, as leis sumptuárias que, vedando à burguesia cores como o azul e o vermelho, permitiram a escolha do negro para o vestuário de uma classe social abastada. Assim, a partir da 2.<sup>a</sup> metade do séc. XIV os negros

1. Um mordente liga-se simultaneamente à fibra têxtil e ao corante, conferindo assim resistência à cor quando da lavagem do tecido. O ião ferro poderia ser introduzido através de compostos como o sulfato de ferro, também utilizado para obter tintas de escrever ferrogálicas.

produzidos nas tinturarias vão adquirindo uma qualidade superior, já que mercadores e legistas o exigiam. No séc. XV, príncipes como Filipe o Bom vestem-se já de negro. Com a Reforma Protestante o preto, agora uma cor valorizada, é contudo excluído da ordem das cores. Uma nova sensibilidade propicia o que Pastoureau designa por cromofobia (sendo as cores associadas à sedução, ao luxo e ao pecado), o que irá generalizar o uso do preto, afirmando-o como negação da cor, ou como uma cor à parte. A descoberta da imprensa vem inaugurar um mundo a preto e branco, reforçando a oposição entre «cores» e «preto».

De facto, esta cor, nos sécs. XVI e XVII assume um papel histórico na cultura ocidental através da sua utilização sistemática no texto impresso e na gravura. Valoriza-se nesta época o papel intelectual do livro, sendo por esta razão desprestigiadas as imagens coloridas tão características do livro iluminado.

Toda esta atitude face ao negro é confirmada pela descoberta do espectro das cores de Newton que o exclui da ordem das cores ao demonstrar que a luz branca é uma mistura de todas as cores (violeta, indigo, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho). Na sequência desta descoberta, o século das luzes assiste a um recuo dos negros. O vestuário apresenta cores alegres e luminosas, de tons pastel, principalmente na gama dos azuis, rosas amarelos e cinzentos. O preto perde terreno, vindo apenas a revalorizar-se no final de século, no contexto de um exotismo literário.

A difusão e a criação de uma nova paleta de cores vivas justificam esse recuo do negro, que só vai ser valorizado no séc. XIX com o romantismo, que trás consigo o culto da melancolia, noite, da morte e mesmo do macabro.

Se valorizado nos meios intelectuais, particularmente na literatura, o negro recebe igualmente a conotação negativa provinda dos sombrios meios operários da II revolução industrial, com os quais os outros grupos sociais não se queriam identificar.

No entanto, o preto torna-se omnipresente na vida quotidiana, mesmo em ambientes financeiros, numa atitude ética em parte herdada pelos protestantes.

A fotografia e o cinema contribuem em muito para o já mencionado mundo em preto e branco, mas são os pintores e designers, que explorando tons e texturas, produzem pretos excepcionais e expressivos, promovendo-o como uma das cores emblemáticas da modernidade.

O significado desta cor não se esgota no universo das artes: socialmente o preto está presente nas bandeiras das ideologias contemporâneas, é a cor utilizada pelos totalitarismos mas também pelos movimentos de libertação, não deixando de estar igualmente associado a superstições e mesmo por vezes a um bestiário do diabo. Tal como nos primeiros tempos, os múltiplos significados do preto (ou dos pretos) só podem ser entendidos nos seus contextos sociais.

Não se poderá ficar indiferente à apresentação gráfica do presente volume, cujo design honra o estudo e a cor que apresenta. Tal como num manuscrito medieval, a construção do volume é cuidada, criativa e funcional, quer na encadernação escolhida quer na ligação entre o texto e as excelentes imagens. Não estaremos face a um objecto produto do design contemporâneo, que nos fará tomar uma posição afirmativa face à interrogação: O preto é uma cor? ●